ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES

Pedro Henrique Silva Cestarioli

A CONTRIBUIÇÃO DAS INVASÕES HOLANDESAS NO NORDESTE BRASILEIRO PARA A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL

Resende

2019

Pedro Henrique Silva Cestarioli

A CONTRIBUIÇÃO DAS INVASÕES HOLANDESAS NO NORDESTE BRASILEIRO PARA A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL

Monografia apresentada ao Curso de Graduação de Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ) como requisito parcial para a obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares.**

Orientador: TC Wellington Ferreira Gomes

Resende

2019

Pedro Henrique Silva Cestarioli

CONTRIBUIÇÃO DAS INVASÕES HOLANDESAS NO NORDESTE BRASILEIRO PARA A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ) como requisito parcial para a obtenção do título Conclusão do Curso de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em ___ de _____ de 2019

Banca Examinadora

_____

Ten Cel de Artilharia Wellington Ferreira Gomes – Orientador

_____

_____

Resende

À minha família, em especial meus pais, que sempre estiveram ao meu lado nessa longa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e meus pais, os criadores das bases de quem sou hoje, sem eles eu nada seria. Também aos meus instrutores, que me bem forjaram nesses cinco anos de formação. Ao meu orientador, que me conduziu nesse trabalho. E, por fim, aos meus companheiros de Arma, eternos irmãos que o Exército me deu.

RESUMO

CONTRIBUIÇÃO DAS INVASÕES HOLANDESAS NO NORDESTE BRASILEIRO PARA A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL

AUTOR: Pedro Henrique Silva Cestarioli
ORIENTADOR: TC Wellington Ferreira Gomes

Essa monografia tem como objetivo analisar a importância que as invasões holandesas no nordeste brasileiro deram para a formação da identidade nacional.

No Brasil de hoje, onde a história nacional é negligenciada e poucos brasileiros tem conhecimento a respeito de importantes personagens do passado e seu feitos, torna-se essencial a divulgação desses acontecimentos. Pois infelizmente são poucas as pessoas que sabem a amplitude da contribuição que todo o processo de invasão, conquista e expulsão dos holandeses deu para a formação da nação brasileira que se conhece hoje. Tendo em vista a debilidade do brasileiro em conhecer seu passado, qualquer trabalho feito com precisão dos fatos que aborde o assunto se reveste de grande importância.

A pesquisa foi realizada com base em análise de literatura de diversos autores, sendo eles historiadores e sociólogos. O objetivo com isso era reunir o máximo de teoria que pudesse embasar o fato de as invasões holandesas no nordeste brasileiro terem dado alguma contribuição para a formação do sentimento de nacionalista. Então, foi com o estudo dos acontecimentos históricos da Europa e do Brasil, antes e durante o evento foco deste trabalho, que foi possível notar como a ocupação neerlandesa influenciou o processo de diferenciação nacional, levando em conta também o aspecto sociológico do ser humano.

Palavras-chave: Nacionalista. Invasões. Nordeste.

ABSTRACT

CONTRIBUTION OF NETHERLANDS INVASIONS IN THE BRAZILIAN NORTHEAST FOR THE FORMATION OF NATIONAL IDENTITY

AUTHOR: Pedro Henrique Silva Cestarioli
ADVISOR: TC Wellington Ferreira Gomes

This monograph aims to analyze the importance that the Dutch invasions in the Brazilian northeast gave to the formation of the national identity.

In today's Brazil, where national history is neglected and few brazilians are aware of important personalities of the past and their achievements, it becomes essential to publicize these events. Unfortunately there are few people who know the breadth of the contribution that the whole process of invasion, conquest and expulsion of the dutches gave to the formation of the Brazilian nation that is known today. Considering the brazilian's deficience in knowing his past, any work done with precision of the facts that addresses the subject is of great importance.

The research was carried out based on literature analysis of several authors, being historians and sociologists. The aim was to bring together the maximum theory that could support the fact that the Dutch invasions in the Northeast of Brazil contributed to the formation of a nationalist feeling. So it was with the study of the historical events of Europe and Brazil, before and during the focus event of this work, that it was possible to note how the Dutch occupation influenced the process of national differentiation, taking into account also the sociological aspect of the human being.

Key words: Nacionalits. Invasions. Northeast.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Detalhe de uma pintura mural alusiva à batalha de Alcácer-Quibir.....12
Figura 02 – Retrato inédito de D. Sebastião I.....17
Figura 03 – Guilherme o Taciturno.....19
Figura 04 – Esquadra holandesa de Jacob Willekens conquistando Salvador.....19
Figura 05 – Planta da restituição da Bahia.....22
Figura 06 – Mapa da localização do Arraial do Bom Jesus.....24
Figura 07 – Forte Ceulen no Rio Grande (Forte dos Reis Magos, Rio Grande do Norte).....25
Figura 08 – Retrato de Henrique Dias.....26
Figura 09 – Antônio Felipe Camarão, líder dos potiguares.....27
Figura 10 – Nassau (1604-1679).....29
Figura 11 – Área de ocupação do Brasil holandês.....29
Figura 12 – A Batalha dos Guararapes, óleo sobre tela por Victor Meirelles de Lima.....32
Figura 13 – A bandeira do estado de Pernambuco, criada na Revolução Pernambucana.....35
Figura 14 – Tela do holandês Albert Eckhout.....36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10
1.1 OBJETIVO.....13
1.1.1 Objetivo geral.....13
1.1.2 Objetivos específicos.....13
2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....14
2.1 Revisão da literatura 15
2.2 Referencial metodológico e procedimentos.....15
3 ANTECEDENTES.....15
4 ASPECTOS HISTÓRICOS DAS INVASÕES HOLANDESAS.....18
4.1 Invasão de Salvador (1624-1625).....18
4.1.2 Análise da invasão de Salvador.....20
4.2 Invasão de Pernambuco (1630-1654).....21
4.2.1 Impasse militar (1630-1632).....22
4.2.2 Ruptura do impasse e consolidação da conquista.....24
4.2.3 O governo de Nassau no Brasil Holandês (1637-1644).....27
4.2.4 Inssurreição Pernambucana.....29
5. ASPECTOS SOCIOLÓGICOS DA IDENTIDADE NACIONAL.....32
6. CONCLUSÃO.....35
REFERÊNCIAS.....37

1 INTRODUÇÃO

O período da história nacional que compreende o domínio holandês no nordeste é um tema que os brasileiros tem pouca familiaridade, menos conhecida ainda é a contribuição que os acontecimentos dessa época deram para a formação da nacionalidade brasileira, foco deste trabalho. Para os militares e a todos os brasileiros de maneira geral torna-se relevante o conhecimento da história nacional e os fatores que levaram ao surgimento do sentimento de brasilidade.

Para que exista um país é necessário, entre outras coisas, um povo, e esse povo precisou passar por um processo de formação para começar a existir e a ter uma identidade própria, como disse José Mattoso: "A identidade nacional, tal como existe hoje, resulta de um processo histórico que passou por diversas fases até atingir a expressão que atualmente conhecemos" (Mattoso, p.3).

No caso do Brasil foram séculos de amadurecimento até o surgimento do sentimento do nacionalismo, mas um momento de extrema importância se deu ao longo do período das invasões holandesas no nordeste brasileiro.

A formação da identidade brasileira não foi um acontecimento concluído do dia para a noite, e sim um processo de séculos com vários acontecimentos históricos dando cada um sua contribuição. Um desses acontecimentos se deu em meados do século XVII no atual Nordeste brasileiro. Tais fatos entraram para a história como as invasões holandesas no Brasil. Essas operações militares, seguidas por uma ocupação de longo prazo, tinham como objetivo dar aos holandeses maior controle do comércio de açúcar e marcaram profundamente aquela região. "Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão impressas em nossos genes" (Hall, 1992, p. 47).

A nossa nacionalidade não está gravada no nosso código genético quando nascemos, mas é passado ao ser humano pela influência do ambiente em que vive, levando-o a assimilar tal cultura, tal língua e tais costumes como sendo seus (Hall, 1992, p. 49). Isso quer dizer que a nacionalidade é formada com o tempo, e não é inerente ao indivíduo.

Entender os eventos do século XVII, que giram em torno da invasão neerlandesa do Brasil colonial, é compreender a maneira como eles afetaram os habitantes da região e levaram a implantação da semente que levaria à identificação nacional muitos anos depois. Pois, embora não tenha afetado a colônia como um todo logo no início, fez de Pernambuco uma das

províncias mais rebeldes durante o período do Brasil Colonial e Brasil Império. Como disse Carlos Daróz em A Guerra do Açúcar: "[...] o mais profundo legado deixado pela luta contra os holandeses foi o surgimento de um sentimento de nacionalidade, antes inexistente entre os naturais do Brasil [...]". (Daróz, p. 397)

Foi nessa época que foi semeado o germe da nacionalidade brasileira, que levaria ainda muitos anos para se consolidar. E dentre os muitos fatores que levaram à formação do povo brasileiro, este trabalho vai se ater à contribuição dada pelos holandeses no período que dominaram o Nordeste brasileiro. Para isso deve ser analisada toda a evolução histórica e sociológica que fez com que os Países Baixos tivessem interesses no Brasil e porque se tornaram inimigos dos portugueses, análise essa que deve ser feita pelos aspectos econômicos, políticos e religiosos.

A inimizade de Holanda e Portugal tem seus antecedentes em meados do século XVI. Em 1578 o rei português D. Sebastião, em defesa da cristandade, trava combate em Alcácer-Quibir (Marrocos) contra o sultão Abu Marwan Abd al-Malik I. Na batalha o exército português, de mais de 20 mil homens, é massacrado junto com a nata da nobreza lusitana e o próprio rei (Guaracy, p.25). D. Sebastião não deixa herdeiros, com isso a coroa passa para seu parente mais próximo, seu tio-avô o cardeal D. Henrique que falece dois anos depois, passando para uma junta a função de escolher o próximo monarca, que acaba sendo o rei Filipe II da Espanha por possuir um laço de sangue distante. Este impõem sua vontade tanto por acordos como pela força, dando início à União Ibérica, fazendo dos inimigos da Espanha inimigos de Portugal também, entre esses os Países Baixos, na época uma série de províncias autônomas. A inimizade da Espanha com as Províncias Unidas tinha razões territoriais (pois elas buscavam independência da União Ibérica), econômicas (havia a disputa pelo comércio marítimo) e religiosas, essa última seria um dos principais pontos de atrito entre os europeus na Idade Moderna.

Figura 01: Detalhe de uma pintura mural alusiva à batalha, existente numa rua de Alcácer-Quibir.

Fonte - jornaldoalgarve.pt

O surgimento da Igreja Reformada e a Contrarreforma foram alguns dos fatores que desencadearam alguns dos eventos mais sangrentos da época: a Guerra dos 80 anos (1568-1648) e a Guerra dos 30 anos (1618-1648). A primeira uniu a rivalidade religiosa com patriotismo na luta pela independência dos Países Baixos do julgo espanhol, a semelhança do que aconteceu entre Brasil e Holanda durante esse conflito. O segundo conflito, o mais brutal, envolveu uma série de nações europeias pelas mesmas razões: rivalidades religiosas, dinásticas, territoriais e comerciais. Isso mostra que a questão da religião, naquela época, era um fator de peso na eclosão de um conflito, embora outros aspectos também estivessem presentes. E o conflito, a guerra, o combate, tem grande importância na formação do sentimento nacional, como disse Carlos Daróz (2016, p. 398): "A guerra deixou o espírito dos colonos mais livre. Das privações e sacrifícios dos anos de campanha saiu uma população renovada em seu sentimento de amor à terra consciente da força que possuía para defendê-la e afirmar sua liberdade". (Daróz, 2016, p. 398).

As razões que levaram União Ibérica e Países Baixos a guerrearem na Europa eram as mesmas que os levariam na América, sendo a guerra em si um fator formador da nacionalidade. É importante que se saiba que os conflitos religiosos em desenvolvimento na Europa viriam a afetar o Brasil:

> "Após o desencadeamento da **Reforma Protestante** na Europa, a partir de 1517, diversas tensões e reviravoltas políticas passaram a ocorrer em diversas nações. Sendo algumas dessas nações também impérios ultramarinos, as suas respectivas colônias

> também passaram a sofrer o impacto dos distúrbios político-religiosos entre os séculos XVI e XVII. O Brasil, então colônia portuguesa, foi palco de um desses impactos: **As invasões holandesas**." (Fernandes, Cláudio. Brasil Escola)

O período das invasões holandesas no Brasil é extremamente negligenciado, sendo o seu estudo nas escolas superficial, quando não inexistente, logo, não é de se surpreender que a população em geral tem pouquíssimo conhecimento dessa época e o quanto ela influenciou no Brasil de hoje. O estudo da História é importante para que um povo tenha conhecimento de seu próprio país, pois só assim é lançada luz nos acontecimentos do passado e é com o conhecimento do passado que se molda o futuro.

Seu estudo é relevante para o meio militar, uma vez que aborda o princípio da história do Brasil, bem como do próprio Exército. Sendo assim, esse trabalho tem o objetivo de analisar os efeitos da ocupação holandesa do nordeste do Brasil, bem como sua contribuição para a formação da sociedade brasileira e a implantação do germe do sentimento de nacionalidade. Dessa forma, o trabalho está focado no período de 1630-1654, não deixando de analisar a primeira invasão holandesa, e para isso ele foi estruturado da seguinte maneira:

No primeiro capítulo serão mostrados os objetivos desta monografia. No segundo será a revisão da literatura e os métodos adotados para realizar essa pesquisa. O terceiro capítulo se dedicará aos antecedentes históricos dos eventos das invasões holandesas. Também abordará o contexto histórico da Europa da Idade Moderna, principalmente da União Ibérica e Países baixos, com foco nos aspectos econômico, político e religioso. Terá por objetivo explicar as razões maiores que levaram os holandeses a investir contra o Brasil.

No quarto capítulo será feita a análise das invasões propriamente ditas, detalhando os acontecimentos que aconteceram e contribuíram para a futura diferenciação nacional entre brasileiros e portugueses, mais uma vez abordando aspectos políticos, religiosos e econômicos.

No quinto e último capítulo será analisado o contexto sociológico, e por fim a conclusão, tratando que contribuição esses mais de vinte anos de ocupação holandesa deram para o Brasil de hoje, em especial a influência dada na formação do sentimento de brasilidade.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Este trabalho tem por objetivo determinar como a ocupação holandesa do nordeste brasileiro contribuiu para a formação da nacionalidade.

1.1.2 Objetivos específicos

O objetivo específico será analisar os efeitos da dominação holandesa, abordando tanto os conflitos (guerra brasílica), os aspectos econômicos, religiosos, políticos e sociológicos que permitiram o surgimento da nacionalidade brasileira.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

O tema de pesquisa insere-se na linha de pesquisa histórica com análise bibliográfica para determinar influência que os acontecimentos da época tiveram na sociedade colonial e, posteriormente, na brasileira; e por possuir uma análise mais subjetiva e indutiva a abordagem será qualitativa.

A área de estudo em que se enquadra este trabalho é de história militar, com a linha de pesquisa sendo história militar do Brasil.

2.1 Revisão da literatura

Visando conseguir o máximo de informações a respeito do tema, foi pesquisado um grande número de autores, levando-se em conta que não há um grande número de escritores dedicados exclusivamente ao período da ocupação do nordeste brasileiro pelos holandeses e aos seus efeitos nos séculos seguintes. Entre os autores pesquisados estão: Carlos Daróz, Max Weber, Thales Guaracy, Evaldo Cabral de Mello, Sérgio Buarque de Holanda, Vasco Mariz, Fernando Cartroga e José Mattoso. Além de sites que exploram o assunto mais superficialmente, contudo, com precisão histórica.

Para entender as razões do conflito luso-holandês, fomentador da formação nacional brasileira, foi preciso estudar o aspecto religioso que dividia os dois povos. Nesse sentido foi buscado na literatura de Max Weber (A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo) as referências para essa questão. Nessa obra, Weber explica as diferenças entre o catolicismo (religião predominante dos luso-brasileiros) e o calvinismo, ou pietismo, (religião majoritária nos Países Baixos). Com as explicações desse livro, somado ao contexto histórico da Europa da Idade Moderna, é possível compreender parte da intensa inimizade entre os estes povos.

Para Carlos Daróz, (2016), as invasões holandesas no nordeste brasileiro tiveram grande importância na formação da nacionalidade brasileira, entendendo-se isso como o surgimento

do sentimento de brasilidade. Como ele disse em A Guerra do Açúcar (p. 397): “Apesar de a Insurreição Pernambucana haver sido iniciada em consequência de um problema envolvendo os senhores de engenho e a WIC ocasionado pela cobrança de dívidas, a Guerra da Liberdade Divina teve forte componente patriótico e nacional.”

Nesse ponto ele coincidi com outros autores que tratam do tema, uma vez que nenhum dos demais escritores estudados contradizem o objeto deste trabalho, seja com opiniões próprias ou apresentando fatos.

2.2 Referencial metodológico e procedimentos

Com o propósito de analisar a contribuição dada pela invasão, e posterior ocupação, do nordeste do Brasil pelos holandeses na formação do sentimento de nacionalidade brasileira, foi adotada a pesquisa bibliográfica, coletada dos dados encontrados com posterior análise sobre os mesmos.

Visando o bom entendimento dos fatos também foram estudados seus antecedentes, ou seja, as guerras travadas na Europa e a crise sucessória do trono português e posterior formação da União Ibérica. Tudo isso afetaria ou servirá para explicar como a guerra luso-holandesa influenciou na implantação do germe do sentimento de brasilidade.

3 ANTECEDENTES

O ataque holandês ao nordeste brasileiro aconteceu devido a uma série de fatores, e para entender como a ocupação neerlandesa influenciou no desenvolvimento do espírito nacionalista do Brasil é necessário entende-los.

3.1 Conflitos Europeus

Esse momento histórico tem seus antecedentes em meados do século XVI. Em 1578 o rei português D. Sebastião trava combate em Alcácer-Quibir (Marrocos), evento também conhecido como a Batalha dos Três Reis, contra o sultão Abu Marwan Abd al-Malik I. Na batalha o exército português, de mais de 20 mil homens, é massacrado junto com a nata da nobreza lusitana, sendo que o próprio rei desaparece na luta (Guaracy, p.25). D. Sebastião não deixa herdeiros, com isso a coroa passa para seu parente mais próximo, seu tio-avô o cardeal D. Henrique que falece dois anos depois, passando para uma junta a função de escolher o

próximo monarca, que acaba sendo o tio do falecido jovem rei: Filipe II, soberano da Espanha, que impôs sua vontade tanto por acordos como pela força.

Esse acontecimento levaria à junção das coroas espanhola e lusitana, com Portugal perdendo consideravelmente sua soberania. O resultado desse fato histórico seria a União Ibérica, bem como faria dos inimigos da Espanha inimigos de Portugal também, a exemplo das Repúblicas Unidas dos Países Baixos.

Figura 2: Retrato inédito de D. Sebastião I, por Alonso Sánchez Coello, 1562. Estava na Áustria, no castelo Schönberg

Fonte: wikipedia.org

Na introdução de O Brasil Holandês (2010), organizado por Evaldo Cabral de Mello, é afirmado que: "Na história da República das Províncias Unidas dos Países Baixos, a independência nacional e a expansão colonial marcharam de mãos dadas no decurso dos oitenta anos de guerra contra a Espanha (1565-1648)".

Esse trecho revela a rivalidade entre espanhóis e holandeses que viria a afetar Portugal, pois os lusitanos, e suas colônias, faziam parte do reino da Espanha devido à crise sucessória desencadeada pela morte de D. Sebastião. Como é dito em O Brasil Holandês:

> "Portugal e os Países Baixos tinham uma longa história de relações comerciais quando, em 1580, o Reino uniu-se à monarquia plural dos Habsburgos madrilenos, na esteira da crise dinástica desencadeada pela morte de d. Sebastião no norte da África. Tais relações não poderiam escapar às consequências do conflito hispano-neerlandês[..]". (CABRAL DE MELLO, Evaldo p. 11)

Percebe-se então que a condição de inimigos entre Portugal e Holanda foi devido ao fato de Portugal pertencer a Espanha nesse período, e este reino, por sua vez, estava em guerra com os Países Baixos. Conflitos esses que envolveriam o Brasil.

O conflito pelo qual passavam Espanha e as Repúblicas Unidas dos Países Baixos foi conhecido como Guerra dos Oitenta Anos, motivada pelos anseios daquelas repúblicas por independência. Esse conflito também demonstrou como as diferenças religiosas causavam discórdia nas pessoas da Idade Moderna, sendo a intolerância religiosa um fator motivador da guerra.

Guilherme I de Orange (Guilherme, o taciturno*),* governador das províncias da Holanda, Zelândia e Utrecht foi o líder neerlandês contra a Espanha numa das guerras mais sangrentas da Idade Moderna a acontecer na Europa, que resultou na formação a República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos. Guilherme I não viveu para pôr fim ao conflito, cabendo esse feito aos seus descendentes e líderes da República Holandesa no ano de 1648 com o Tratado de Münster na Paz de Vestefália, após décadas de combates interrompidos por períodos de trégua.

O período das invasões holandesas ocorreu simultaneamente à Guerra dos 80 Anos, logo, esse evento teve consequências também para o Brasil, uma vez que sendo Portugal parte da Espanha, e Espanha sendo inimiga de Portugal, a Holanda tinha motivos para atacar a colônia lusitana na América, sem contar o fato de o açúcar (muito rentável na Europa) ser largamente produzido no Brasil, dando a oportunidade de os Países Baixos obterem grandes lucros e, ao mesmo tempo, evitar o grosso das defesas espanholas. (MEDEIROS, Rostand. 2016).

> "As motivações para as invasões e ocupação do nordeste brasileiro, na primeira metade do século XVII, tem ligação no que diz respeito à recuperação dos investimentos na empresa do açúcar e na busca do rompimento do bloqueio comercial imposto pelos espanhóis ao comércio neerlandês nos portos sob controle da União Ibérica. No caso, a América portuguesa, além de ser o polo produtor de açúcar se constituía no elo mais frágil na escala de prioridades de defesa de Madrid." (MEDEIROS, Rostand. 2016).

Percebe-se assim que a Guerra dos 80 Anos, direta ou indiretamente, levou os holandeses à invadirem o Brasil, portanto, também teve seu papel na formação da identidade nacional brasileira.

Figura 3: Guilhemre o Taciturno Por Adriaen Thomasz Key, 1580 Rijksmuseum

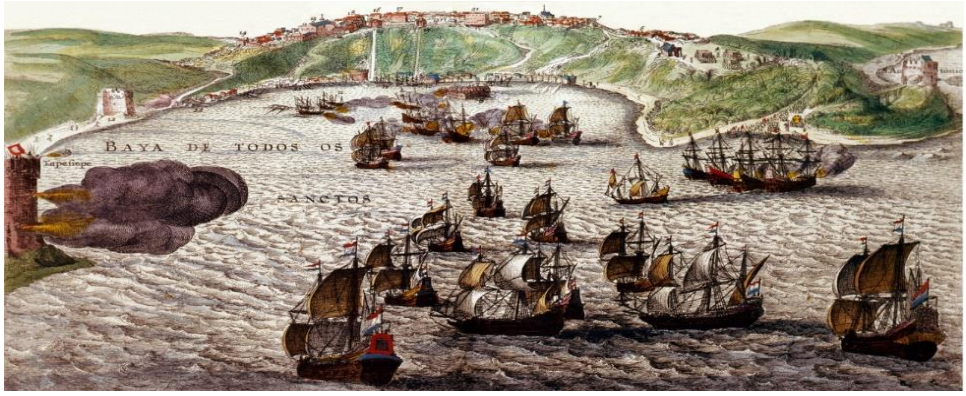
Fonte: geneall.net

4 ASPECTOS HISTÓRICOS DAS INVASÕES HOLANDESAS

Para que se entenda as influencias que as invasões holandesa tiveram na formação da identidade nacional, é preciso saber os acontecimentos desse período. Em outras palavras, significa conhecer os eventos históricos, e é nisso que se dedica este capítulo.

4.1 INVASÃO DE SALVADOR (1624-1625)

Figura 4: Esquadra holandesa de Jacob Willekens conquistando Salvador. Pintura de Hassel Gerritsz sobre a invasão a Salvador em 1624



Fonte: albenisio.wordpress.com

Em meados do século XVII a maioria das capitanias hereditárias de Portugal não haviam prosperado, à exceção de São Vicente, Pernambuco e Salvador devido ao cultivo da cana-de-açúcar (Daróz, p.127). As razões que levaram os neerlandeses foram desde econômicas até mesmo militares:

> "A produção açucareira no nordeste do Brasil atraiu a cobiça da WIC, que na cana-de-açúcar, beneficiada pelo fértil solo de massapê, a grande oportunidade para proporcionar lucro incalculáveis a seus acionistas. Os cerca de 300 engenhos existentes no nordeste brasileiro localizavam-se mormente nas proximidades dos portos do Recife, na capitania de Pernambuco, e de Salvador. Assim, a opção dos holandeses de invadir o Brasil recaiu sobre um dos dois portos, onde poderiam se instalar, tomar posse da produção e remeter o açúcar para a Holanda". (Daróz, 2016, p.128)

O primeiro ataque de vulto na costa do Brasil por parte dos holandeses, e com o intuito de conquista do território, se deu em 1624 contra Salvador e comandada por Jacob Willekens. E para explicar a razão da escolha desse local pelos neerlandeses será citado Carlos Daróz, em sua obra A Guerra do Açúcar, mais uma vez:

> "Apesar de a produção de açúcar em Pernambuco ser superior à da Bahia, um conjunto de fatores levou os holandeses a se decidirem pelo ataque a Salvador, apesar de ser mais distante da Europa do que o Recife. A WIC considerou em primeiro lugar que conquistada a sede do governo colonial seria mais fácil estabelecer uma colônia e tornaria difícil alguma ação militar luso-espanhola para tentar reconquistar o território perdido, A companhia visualizou ainda que da Bahia seria fácil estender o domínio holandês por outras capitanias, havendo quem cresse na ideia de alcançar o Peru pelo interior do continente americano e golpear o coração do império ultramarino espanhol". (Daróz, p.128).

Com esse trecho percebe-se que o ataque na costa brasileira visava o controle do comércio de açúcar e, mais profundamente, era uma estratégia na guerra travada entre o império espanhol e as Províncias Unidas dos Países Baixos. E a escolha de Salvador em detrimento do Recife, por exemplo, possuía um viés mais militar do que econômico, como é dito em A Guerra do Açúcar de Carlos Daróz.

> "A Bahia e Pernambuco foram assim desde o começo os alvos prioritários do ataque neerlandês ao Brasil. A conquista de ambos foi confiada a uma expedição que compreendia 26 navios e 3300 homens, sob o comando do almirante Jacob Willenkens, cujas instruções determinavam que, tomada a Bahia, atacasse Pernambuco". (Cabral de Mello, p.39).

Com as palavras de Carlos Daróz, fica evidente quais eram os alvos na costa brasileira, bem como porque Salvador foi escolhida em detrimento de Pernambuco.

É possível perceber que os holandeses subestimavam a capacidade defensiva da colônia, desconsiderando a habilidade dos colonos em combater no interior do território, neutralizando assim a superioridade naval do invasor.

No começo de maio teve início a ofensiva holandesa contra Salvador. Um pesado bombardeio dava proteção às tropas que desembarcavam, fazendo a população fugir aterrorizada da cidade e levando à tomada do núcleo político colonial. Contudo, isso não significou uma vitória definitiva, pois a resistência organizada no interior, aos moldes de guerrilha, impediu o domínio por parte dos invasores dos arredores de Salvador, incluindo dos valiosos engenhos de açúcar.

> "Mas eles logo constataram a dificuldade de estender sua presença para além dos muros de Salvador, onde se acharam encurralados pelas guerrilhas luso-brasileiras do Arraial do Rio Vermelho, os quais, sob a chefia do bispo d. Marcos Teixeira, e depois, de d. Francisco de Moura, ofereceram forte resistência às tentativas de penetração dos contingentes batavos". (Cabral de Mello, p.40).

Evaldo Cabral de Mello mostra em sua obra (O Brasil Holandês) como, por meio de táticas desconhecidas pelos europeus dos povos nativos da América, os colonos foram capazes de infligir pesadas baixas em um exército calejado pelas guerras europeias, levando à desmoralização dos contingentes batavos encastelados em Salvador.

Incapazes de reagir perante à força irregular de negros, índios e colonos, e abatidos pela falta de víveres e morte de alguns comandantes, os holandeses tiveram finalmente suas esperanças destruídas quando aportou em Salvador uma poderosa armada luso-espanhola sob o comando de d. Fadrique de Toledo, tal empreitada entraria para a história como a Jornada dos Vassalos. Os reforços neerlandeses, atrasados pelo rigoroso inverno do mar do norte, foram incapazes de chegar a tempo para evitar a capitulação de seus compatriotas.

4.1.2 ANÁLISE DA INVASÃO DE SALVADOR

Observando o ataque à capital colonial pode-se notar que os invasores europeus não contavam com o estilo de combater que seus oponentes adotaram. Acostumados com as grandes batalhas campais e cercos em sua terra natal, os holandeses não foram capazes de se adaptarem à "guerra brasílica" praticada pelos seus inimigos negros, índios, mestiços e portugueses, além de sentiram grande dificuldade em operar abaixo da linha do Equador, sofrendo mais com o clima e as moléstias tropicais.

Cabe destacar que o povo lusitano, embora sendo europeu como os neerlandeses, apresentavam a característica de serem mais miscigenáveis, levando-os a se adaptarem melhor às suas possessões americanas e assimilarem mais rapidamente os costumes dos povos com os

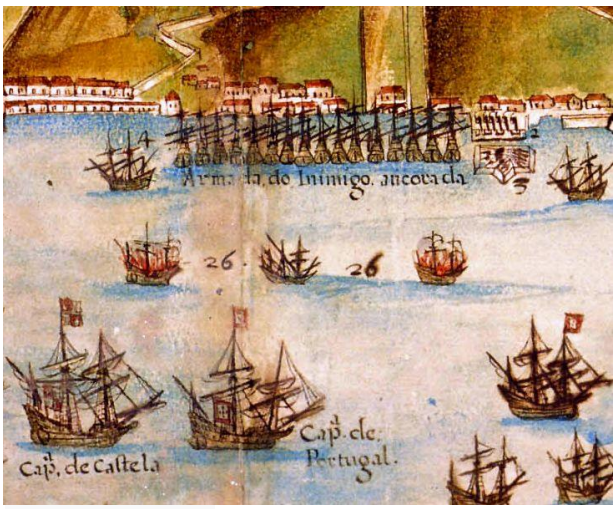
quais conviviam. Peculiaridade essa que tem sua origem na própria história daquele país, que passou séculos sob domínio muçulmano e absorveu muito da genética desse povo.

Também pode-se da participação de negros, índios e brancos nos acontecimentos do ataque, como cita Daróz:

> "A população fugira para o norte da cidade e buscou se instalar para além do rio Vermelho, notadamente na aldeia indígena do Espírito Santo, distante 40km de Salvador, para onde começaram a se dirigir vários grupos de índios mansos e moradores do Recôncavo." (DARÓZ, Carlos, 2016, p.138).

Com essa passagem é possível perceber que as etnias formadoras da nossa nacionalidade estavam intensamente entrelaçadas no conflito.

Figura 5: Planta da restituição da Bahia do atlas Estado do Brasil, João Teixeira Albernaz, o Velho, 1631



pt.wikipedia.org

4.2 INVASÃO DE PERNAMBUCO (1630-1654)

Fracassada a ofensiva em Salvador a WIC iniciou os planos para uma nova investida, dessa vez visando a região não tão bem defendida de Recife e Olinda, e um golpe de sorte viria a ajudar os holandeses, pois quatro anos após a expulsão da Bahia o almirante Piet Heyn, a serviço da WIC, capturou a frota espanhola anual de prata no mar do Caribe, dando um duro golpe nas finanças do reino espanhol e obtendo recursos para bancar uma nova expedição na América.

A armada enviada ao Brasil em 1630 possuía 7 mil homens transportados em 67 embarcações e comandados pelo almirante Hendrick Cornelisz Loncq. A frota atacou Olinda e Recife, conquistando-as sem maior dificuldade, pois as tropas que defendiam a região eram

poucas, inexperientes e estavam divididas entre as duas vilas. As defesas da capitania ficaram a cargo de Matias de Albuquerque, que também havia participado da expulsão dos batavos de Salvador. Como disse Carlos Daróz:

> "Ao tomar conhecimento da notícia, imediatamente Matias de Albuquerque mandou tocar a rebate e intensificou as medidas de defesa na capitania, não sabendo, contudo, que seu tempo estava acabando, pois a esquadra holandesa se encontrava a apenas cinco dias de viagem do Recife. Sua primeira medida foi mobilizar as tropas de presídio, as ordenanças e os indígenas arregimentados para a defesa e distribuí-los pelas posições defensivas predeterminadas" (Daróz, 2016, p.180).

Observando os escritos de Daróz pode-se perceber que Matias de Albuquerque fez o que pode pela defesa da capitania, mas operando com recursos limitados contra uma potência bélica europeia, ele e suas tropas não foram capazes de manter Recife e Olinda. Contudo, da mesma forma que na Bahia anos antes, mesmo tendo em poder dois importantes núcleos populacionais da região e tendo a hegemonia nos mares, o interior e as áreas de entorno permaneciam fora do domínio holandês.

4.2.1 Impasse Militar (1630-1632)

Matias de Albuquerque recuou uma légua em direção ao interior, levando junto a população civil de Olinda, instalando uma posição defensiva chamada Arraial Velho do Bom Jesus, de onde comandaria a resistência nos anos vindouros por meio das companhias de emboscada. Sendo que esse momento marca a união do povo da colônia contra o invasor holandês, pois na tropa que combateria os neerlandeses se encontravam pessoas de todas as matizes étnicas que compunham o Brasil do século XVII, como explica Thales Guaracy:

> "Matias de Albuquerque criou as companhias de emboscada, adotadas na tradição historiográfica brasileira como a primeira manifestação de identidade nacional brasileira: juntavam portugueses, brasileiros natos, índios e negros. Na guerra, irmanavam-se no objetivo em comum de combater o invasor. Os líderes dessas diferentes castas da sociedade brasileira colonial representavam bem a natureza dessa irmandade provisória, que misturou o que antes se separava: reinós (nascidos em Portugal), mazombos (filhos de portugueses nascidos na colônia, equivalente aos criollos, da América espanhola, com a conotação pejorativa), mamelucos (filhos de portugueses com índios), negros e índios". (Guaracy, 2018, p.197)

Após a tomada das duas vilas por parte dos holandeses e a retirada dos luso-brasileiros para o interior, Matias de Albuquerque organizou a resistência da colônia a partir do Arraial do bom Jesus, sendo que com a decadência do império espanhol, ao qual se encontrava

subordinado Portugal, não era possível o envio de reforços expressivos a exemplo da Jornada dos Vassalos, logo o ônus do esforço de guerra coube quase exclusivamente aos colonos.

Figura 06: Mapa da localização do Arraial do Bom Jesus

– Fonte - brasilarqueologico.com.br

Matias de Albuquerque, liderando os luso-brasileiros, deu início à uma guerra de desgaste, organizando companhias volantes que vagavam pelo interior e arredores das praças fortes, emboscando os contingentes batavos. Dessa forma os invasores forma contidos na região onde desembarcaram, sem poder progredir e sem permitir que a WIC auferisse lucros com a sua empreitada. Todavia, a escassez de recursos negava aos luso-brasileiros a oportunidade de recuperar o terreno perdido para os neerlandeses, e como esse também não conseguiam avançar pelo interior o resultado foi um impasse militar que durou, aproximadamente, de 1630 à 1632. Por volta de 1632 esse impasse foi rompido pelos holandeses devido à sua superioridade naval que permitia ataques em pontos distantes da costa, dificultando a defesa. Mas, a reviravolta também foi graças ao apoio dado por nativos, como por exemplo os tapuias (inimigos dos portugueses) e por colonos que mudaram de lado, sendo o exemplo mais famoso Domingos Fernandes Calabar. Com o conhecimento do terreno dos novos aliados e sua superioridade bélica os neerlandeses foram capazes de executar ações de contraguerrilha, superando assim o longo impasse militar.

4.2.2 Ruptura do Impasse e Consolidação da Conquista

O próximo objetivo da WIC foi conquistar as praças fortes luso-brasileiras. Essas, por sua vez, caíram uma a uma como os fortes do Mar, São Jorge e dos Três Reis Magos (batizado de Forte Ceulen pelos holandeses) restando apenas o Arraial do Bom Jesus e o Cabo Santo Agostinho. Em A Guerra do Açúcar, Carlos Daróz cita:

> "Para instalar seu novo reduto, Matias de Albuquerque aproveitou a casa do lavrador Antônio Abreu, localizada no topo de um outeiro rodeado por uma campina alagadiça, e iniciou os trabalhos de fortificação. De maneira incansável, homens, mulheres e crianças se puseram a trabalhar na edificação de muralhas, escavação de fossos e construção de baluartes, permitindo que em pouco tempo estivesse em condições de operar a fortificação que recebeu o nome de Arraial do Bom Jesus[...]" (DARÓZ, Carlos, 2016, p.199).

Esse trecho da obra de Carlos Daróz mostra como o povo colonial se uniu para a construção do novo reduto da resistência após a perda de Olinda e Recife, e que seria o baluarte luso-brasileiro nos anos vindouros. Além disso, também revela a participação da comunidade em defesa da terra contra o estrangeiro.

Figura 07: Forte Ceulen no Rio Grande (Forte dos Reis Magos, Rio Grande do Norte) – 1639 – Museu do Louvre – Paris. Gravura de Frans Janszoon Post

– Fonte - enciclopedia.itaucultural.org

Enquanto durou a guerra com os luso-brasileiros comandados por Matias de Albuquerque, os holandeses não tiveram descanso, sendo emboscados nas estradas, trilhas e caminhos fora dos fortes. Nesse estilo de combate se destacaram homens conhecedores do terreno, como os capitães Antônio Ribeiro de Lacerda, Luiz Barbalho Bezerra, Martin Soares

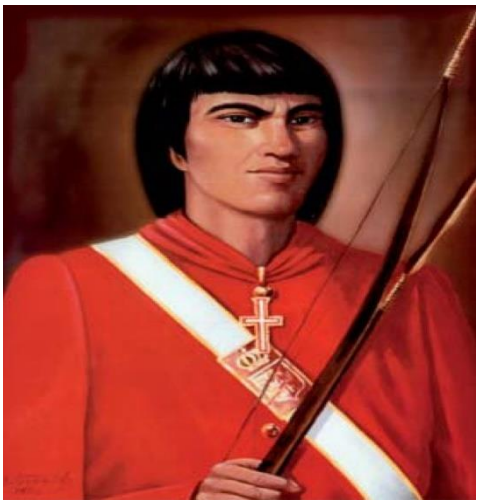
Moreno, Francisco Rebelo, o índio potiguar Felipe Camarão, liderando os guerreiros do seu povo e o negro Henrique Dias, comandante de uma unidade formada por outros negros livres.

A participação de indígenas e negros foi constante e decisiva durante todo o período de ocupação do nordeste brasileiro. E isso é facilmente percebido pelas táticas adotadas pelos luso-brasileiros, bem como pela presença de um índio (Felipe Camarão) e um negro (Henrique Dias) entre as figuras mais marcantes do período. Embora negros e índios tenham lutado em ambos os lados (DARÓZ, Carlos, 2016 p.265), o impacto dessa participação na formação nacionalidade brasileira

Figura 08: Retrato de Henrique Dias. Autor anônimo. Século XVII. Museu do Estado de Pernambuco

– Fonte - pt.wikipedia.org

Figura 9: Antônio Felipe Camarão



Fonte - naval.com.br.

No período que durou de 1632 a 1635 os combates foram intensos e violentos, com os luso-brasileiros resistindo bravamente contra os holandeses. Contudo, com a reação da WIC que levou a perda do Arraial, não restou alternativa a Matias de Albuquerque se não recuar, como cita Carlos Daróz: "A queda do Arraial e do forte de Nazaré não deixaram alternativa para Matias de Albuquerque que, pressionado pelo poder de combate superior dos holandeses, decidiu se evadir com suas tropas para as Alagoas, ao sul da capitania de Pernambuco e ainda sob controle dos Portugueses[...]" (DARÓZ, Carlos, 2016, p.256)

Nessa mesma obra Daróz faz menção da intensidade dos combates: "A guerra assumia feições cada vez mais violentas, fato potencializado pelas diferenças religiosas entre os invasores protestantes e os portugueses católicos, aliás, traço comum nas guerras do início da Idade Moderna no contexto da Contrarreforma Católica." (DARÓZ, Carlos, 2016, p.235).

Como se percebe nesse trecho de A Guerra do Açúcar, o fator religioso foi determinante na condução do conflito, opondo católicos e protestantes. Portanto, também sendo a religião um aspecto diferenciador entre povos, unindo os que se assemelham e separando os que se diferenciam.

Carlos Daróz também descreve a retirada:

> "Contando com 400 soldados e 140 indígenas, os remanescentes do exército de Matias de Albuquerque iniciaram seu êxodo para as Alagoas em 3 de julho de 1635. Aos soldados juntaram-se cerca de 6.000 moradores de Pernambuco, incluindo escravos, mulheres e crianças, senhores de engenho, os quais, deixando suas residências, famílias e bens para trás, buscavam a segurança de uma área ainda não ocupada pelos holandeses." (DARÓZ, Carlos, 2016, p.256)

O processo da retirada para Alagoas mostra a união da população brasileira gerada em torno do esforço de guerra e do medo de ser vitimada pelos soldados holandeses e pela intolerância religiosa do período.

Após a perda de Pernambuco e retirada para Alagoas, Matias de Albuquerque foi destituído do comando e substituído pelo general D. Luís Rojas y Borja, que veio a falecer na derrota brasileira na batalha de Mata Redonda (1636), com esse fato o conde Bagnuolo, que chefiava o contingente napolitano da resistência, assumiu o comando. O conde, por sua vez, adotou a tática de destruição dos canaviais em posse da WIC, estratégia essa que gerou antipatia na população local que passou a sofrer com os ataques luso-brasileiros:

> "O conde Bagnolo, oficial que chefiava o contingente napolitano do exército da resistência, substituiu Rojas y Borja, após sua morte, na derrota luso-brasileira de Mata Redonda (1636). Bagnolo transformou Porto Calvo no trampolim para ataques de campanhistas ao interior de Pernambuco, de Itamaracá e a Paraíba cujos canaviais e engenhos eram implacavelmente incendiados de maneira a impedir que a WIC tirasse proveito econômico do triunfo militar. Esta fase da guerra tornou o exército de resistência impopular junto à comunidade luso-brasileira que havia optado por permanecer no Brasil holandês." (MEDEIROS, Rostand. 2016).

Esse momento marca a derrocada da resistência brasileira, contudo, embora enfraquecida ela nunca cessou. E para buscar a consolidação dos seus domínios no Brasil a WIC nomeou João Maurício de Nassau-Siegen, Príncipe de Orange, como administrador e chefe militar do Brasil holandês.

4.2.3 O Governo de Nassau no Brasil holandês (1637-1644)

João Maurício de Nassau assumiu no que é considerado um período de paz durante a ocupação holandesa (MEDEIROS, Rostand. 2016).

Nassau era descendente de Guilherme o Taciturno, e durante sua infância e adolescência recebeu uma educação que fez aflorar seu lado humanista, bem como participação militar nos conflitos contra a União Ibérica, mostrando pendor para a carreira das Armas, características essas que lhe ajudariam durante sua estadia em terras brasileiras (Daróz, 2016).

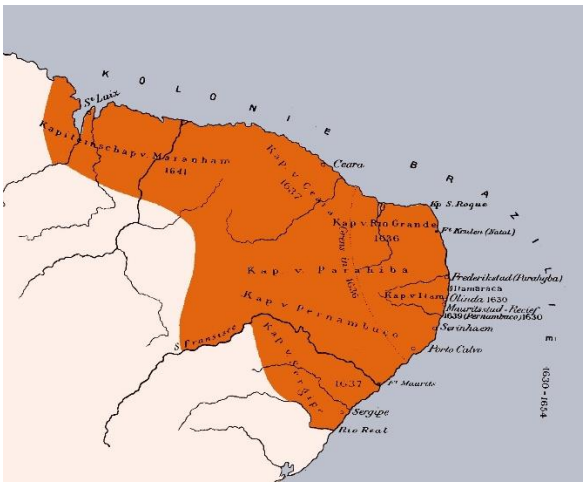
Maurício de Nassau, quando da sua vinda para o Brasil, trouxe consigo um grande número de administradores, pintores, paisagistas, urbanistas e cientistas que tiveram grande importância na retratação da colônia do século XVII, deixando para a posteridade um boa acervo de obras e estudos. Entre esses artistas que vieram ao Brasil estavam Albert Eckhout e Frans Post.

Figura 10: Nassau (1604-1679)

Fonte: tokdehistoria.com.br

Contudo, Nassau também era estrategista militar, e foi em sua administração que os luso-brasileiros foram rechaçados para o sul do rio São Francisco, enfraquecendo consideravelmente a resistência e fazendo desse rio o limite meridional do Brasil Holandês. Ele também fixou a fronteira norte dos domínios holandeses em Fortaleza, conquistando aquela região com auxílio dos tapuias.

Figura 11: Área de ocupação do Brasil holandês



Fonte: tokdehistoria.com.br

Assegurada a segurança da colônia foi a vez de reativar o comercio de açúcar, duramente prejudicado devido aos anos de guerra, com fazenda e engenhos destruídos. Para tanto ele buscou restabelecer o comércio de escravos, conquistando possessões portuguesas na costa africana, a exemplo do castelo São Jorge da Mina, bem como concedeu empréstimos aos

senhores de engenho para que reconstruíssem suas propriedades e voltassem a produzir. Outras contribuição dada por Nassau ao Brasil Holandês foi a urbanização do Recife e a construção da Cidade Maurícia, onde ele residiu enquanto permaneceu em terras brasileiras. (MEDEIROS, Rostand. 2016).

Mesmo com a posição da WIC fortalecida no nordeste tanto a empresa com Mauricio de Nassau consideravam Salvador, capital da América portuguesa e agora base das forças luso-brasileiras, uma ameaça. Então foi visando neutralizar essa ameaça que o Príncipe de Orange atacou a Bahia em 1638: "A Região do Recôncavo Baiano era defendida por dois terços, totalizando 2.000 soldados portugueses, espanhóis e napolitanos; 1.400 homens que haviam-se retirado de Pernambuco; 800 índios e cerca de 3.000 homens mobilizáveis das milícias irregulares. A tropa era comandada pelo conde Bagnuolo." (DARÓZ, Carlos, 2016, p.281).

Esse trecho de A Guerra do Açúcar mostra como bem defendida estava Salvador, bem como a participação de indígenas nos dois lados do conflito, o que refletiria na formação da nacionalidade brasileira.

Embora Nassau tenha reunido homens experimentados na guerra ele não logrou êxito em tomar Salvador, como explicado por Carlos Daróz:

> "Para Nassau ficou claro que, com as escassas tropas à sua disposição, não conseguiria conquistar a bem fortificada sede do governo-geral português no Brasil. Após o fracasso do ataque, no qual os holandeses sofreram mais de 500 baixas, o stadhoulder observou que seria impraticável permanecer combatendo sem provisões adequadas e traçou um plano para retrair com o que sobrou de suas tropas." (DARÓZ, Carlos, 2016, p.283).

Em 11 de maio de 1643 Maurício de Nassau deixa o Brasil, substituído por uma junta nomeada pela WIC. Os novos administradores reverteram consideravelmente o trabalho de apaziguamento feito por Nassau junto à população brasileira, o resultado foi a retomada da guerra. Carlos Daróz explica:

> "A nova administração da WIC, composta por burgueses com pouco discernimento político, não foi capaz de gerenciar os problemas decorrentes da crise financeira e da repentina saída de um líder tão prestigiado. Na verdade, os três conselheiros que passaram a governar a Nova Holanda fizeram praticamente tudo ao contrário do que Nassau orientara em seu memorial, aguçando ressentimentos entre os colonos e aumentando a probabilidade de ocorrer uma rebelião generalizada em Pernambuco." (DARÓZ, Carlos, 2016, p.315).

4.2.4 INSSURREIÇÃO PERNANBUCANA

Fernandes Vieira era mulato e um dos maiores devedores da WIC, fato que pesou em sua decisão de se rebelar e liderar o movimento. E no comando dos luso-brasileiros foram conquistadas importantes vitórias como a batalha do Monte das Tabocas e a retomada de fortalezas, tais como o Engenho da Casa Forte, Serinhaém e Cabo Santo Agostinho. Nesses embates se destacaram os terços negros e potiguares liderados por Henrique Dias e Felipe Camarão Respectivamente, além de Martin Soares Moreno, Antônio Dias Cardoso e André Vidal de Negreiros.

Numa tentativa de abrandar o espírito combativo dos insurretos, a WIC ofereceu anistia e liberdade de culto, todavia, a resposta de Vieira respondeu em tom belicoso. Daróz transcreve a carta do líder brasileiro:

> "Em nosso acampamento existem 16.000 homens em cujos peitos arde o desejo de combater. Deus é o nosso general, e com a sua ajuda havemos de libertar a nossa terra dos bárbaros hereges. Quem a nós prestar adesão será nosso amigo e protegido. Readquirirá as suas propriedades e ficará liberado de quaisquer dívidas. Concedemos 30 dias a todos os partidários dos holandeses para se decidirem. Aquele que não se declarar será considerado nosso inimigo capital, e como tal, não o havemos de poupar, sejam quais forem as consequências. Não nos responsabilizamos pelo que acontecer." (DARÓZ, Carlos, 2016, p.342).

Outras palavras inflamadas de Vieira:

> "Nunca mais havemos de nos sujeitar aos potentados holandeses. Preferimos morrer vinte vezes a suportar, mais, semelhante tirania. Os tempos em que plantadores portugueses convidavam um Sigismundo von Schkopp para banquetes estão definitivamente passados. E mesmo que as coisas corram mal para nós, antes invocaríamos a proteção do Sultão da Turquia do que a do senhor Von Schkopp. O nosso poder é invencível, pois 100 portugueses na capoeira valem 1.000 neerlandeses em campo raso. Além disso os índios e os negros nos servem com mais gosto que aos holandeses." (DARÓZ, Carlos, 2016, p.343).

As palavras de Fernandes Vieira revelam a disposição dele e de seus compatriotas em expulsar os invasores estrangeiro que, além do mais, eram protestantes, sendo que é sabido que naquela época a religião era um fator preponderante na diferenciação nacional dos povos ocidentais. Sem contar a menção de tropas negras e indígenas do lado defensor.

O local onde foi selado o destino dos holandeses no Brasil foi a região dos Montes Guararapes. Foi lá em que se desenrolaram duas batalhas decisivas, a primeira em 18 e 19 de abril de 1648 e a segunda em 19 de fevereiro de1649, em ambas houve vitórias esmagadoras

contra as forças da WIC e resultaram mais tarde em 1654 na capitulação dos holandeses na Campina da Taborda. Ricardo Costa de Oliveira afirma: "O exército que derrotou os holandeses foi um exército bem brasileiro, bem misturado e miscigenado[...]O Exército Brasileiro tem as suas raízes nas Batalhas de Guararapes, na luta pela integridade territorial do Brasil." (OLIVEIRA, Ricardo de. 2010)

Essa passagem mostra como a luta contra a Holanda influenciou na nacionalidade brasileira, na medida em que intensificou a miscigenação e marcou as raízes do Exército Brasileiro, instituição presente nos momentos decisivos da história do Brasil.

Figura 12: A Batalha dos Guararapes, óleo sobre tela por Victor Meirelles de Lima

- Fonte - historiadobrasil.net

Em todo o período da ocupação holandesa no nordeste brasileiro ficou evidente como os três tipos étnicos formadores do brasileiro estiveram presentes e interagindo intimamente. Embora negros e índios lutaram de dois lados, foi no lado brasileiros que houve o impacto na formação da nacionalidade. Carlos Daróz cita uma proclamação de Henrique Dias: "Saibam Vossas Mercês que Pernambuco é a pátria dele [de Felipe Camarão] e minha pátria, e que já não podemos mais sofrer tanta ausência dela. Aqui, havemos de perder a vida, ou havemos de deitar vossas mercês fora dela [...]." (DARÓZ, Carlos, 2016, p.343).

Observando a conduta de Henrique Dias, bem como as ações dos demais que lutaram contra a WIC, pode-se notar o espírito patriota. Mesmo que eles não lutassem pela pátria brasileira, pois ainda era cedo para esse conceito existir, eles defenderam a terra onde nasceram (Pernambuco) e isso foi o início do desenvolvimento do sentimento nacionalista naquela população.

5 ASPECTOS SOCIOLÓGICOS DA IDENTIDADE NACIONAL

Para o desenvolvimento desse trabalho e o entendimento de seu tema é preciso que tenha-se noção de como ocorre o desenvolvimento de uma identidade nacional. De acordo com Mattoso: "[...]a identidade nacional resulta antes de mais da percepção que os próprios cidadãos têm de formarem uma coletividade humana." (Mattoso, p.3).

Em outras palavras, a formação da nacionalidade vem, dentre outros fatores, da união de pessoas que possuem características em comum, que leva à diferenciação de um povo em relação a outro. Fernando Cartroga também versa sobre o tema: "Com o tempo (para alguns, desde os finais da Idade Média em sociedades como a inglesa, ou a portuguesa; para outros, desde os séculos XVII e XVIII em muitos países da Europa), o termo "nação" passou a aludir a uma população quando sintetizada como uma identidade coletiva, ou melhor, como um 'nós'". (Cartroga, p.22)

Com o tempo, e devido aos eventos políticos e sociais acerca das invasões holandesas (e nisso pode-se incluir os combates, a descriminação religiosa e até o abandono da colônia pela metrópole), as pessoas que aqui viviam, sendo elas brancas, negras e mestiças, começaram a se identificar com a terra e a vê-la como se fosse sua. E assim, além de se identificarem com a terra, passaram também a se identificarem entre si ("nós").

Esse fenômeno de união de um povo contrário a outro

Citando novamente José Mattoso:

> "Nalguns casos os fenômenos culturais terão, porventura, maior peso na formação da identidade nacional, noutros serão os acontecimentos políticos os mais decisivos, noutros, ainda, os fatores económicos ou sociais. A diversidade nacional resulta, em boa parte, da forma como se conjugam os vários elementos constitutivos das suas sucessivas expressões históricas".

Isso significa que o processo de diferenciação nacional não é homogêneo, ou seja, idêntico a todos os países do mundo, embora sigam mais ou menos a mesma fórmula. E também não são os mesmos fatores que influenciarão no processo de formação da identidade nacional, sendo que no caso abordado por este estudo serão os acontecimentos políticos e sociais que estiveram mais presentes nos eventos do século XVII e, portanto, mais peso tiveram no desenvolvimento do sentimento de brasilidade.

Estudando o caso pernambucano, pode-se identificar alguns dos fenômenos que Mattoso cita, como por exemplo os fatores econômicos, políticos e culturais, sendo ainda possível de adicionar o fator religioso, um dos principais pontos de atrito entre os povos da Idade Moderna:

> "[...]a Nação, realidade sócio-cultural, assenta em valores culturais, e são estes valores que no seu conjunto, através das convicções coletivas que sobre eles são gerados, formam a imagem que da Nação têm os indivíduos que a constituem. Essa imagem, ou identidade, nacional, varia portanto no tempo, porque os valores que a constituem não são imutáveis, nem são imutáveis as relações que entre eles se estabelecem, nem as convicções que sobre eles se constroem. A identidade nacional é uma realidade dinâmica, viva". (François, p.11).

O processo de invasão holandesa do nordeste brasileiro, mesmo que não tenha feito surgir espontaneamente o sentimento de brasilidade nos colonos (pois, como foi dito, isso é um processo longo que depende de várias conjecturas), gerou uma união regional entre os habitantes de Pernambuco. O resultado foi que Pernambuco se tornou uma das províncias mais rebeldes do Brasil colônia e do Império. Citando alguns conflitos da região estão a Revolução Pernambucana, Guerra dos Mascates e a Confederação do Equador.

A união regional entre os colonos pernambucanos, embora tenha sido em escala regional, viria a influenciar o processo de formação da identidade brasileira, pois a união de negros, índios e brancos (português em particular) aconteceu em praticamente todo o território do Brasil de hoje:

> "O encontro dos navegantes portugueses com os índios do litoral forjou uma nova camada étnica. As genealogias clássicas brasileiras demonstram a centralidade e a importância de um João Ramalho, um Caramuru, um Jerônimo de Albuquerque e muitos outros. A estátua de Arariboia guarda a entrada de Niterói, aliado supremo na conquista da Baía da Guanabara. No século 17 já eram protobrasileiros os senhores da formação do Brasil. Os bandeirantes representavam a rica miscigenação entre europeus, indígenas e africanos." (OLIVEIRA, Ricardo de, 2010)

É possível notar que a miscigenação, logo a participação das três etnias principais na história nacional, esteve presente em outras regiões do Brasil.

As invasões holandesas constituíram fator decisivo para a interação entres esses três povos formadores da nacionalidade, uma vez que trouxe pessoas com língua, religião e costumes diferentes para a terra onde viviam, e ainda por cima o fizeram de forma violenta. Sendo dois casos de barbárie descritos por Daróz, que foram os massacres de Cunhaú e Uruaçu, onde em torno de 70 e 80 pessoas forma assassinadas, respectivamente, por um contingente indígena liderado pelo holandês Jacob Rabbi, enquanto rezavam em igrejas da região. As motivações para esses crimes seriam de ordem religiosa, e o fato gerou uma reação violenta por parte dos luso-brasileiros, mostrando como o fator religioso foi impactante no conflito e na formação da identidade nacional.

Figura 13: A bandeira do estado que até hoje é utilizada oficialmente, foi criada na Revolução Pernambucana

Fonte: brasildefato.com.br

Dessa forma, pode-se afirmar que o conflito, em outra palavras a guerra, é fator de união de pessoas que possuem aspectos em comum (religião, língua, história) contra pessoas que apresentam características diferentes. José Mattoso explica esse assunto:

> "Mais decisivas ainda para o processo de categorização da identidade nacional parecem ser as guerras contra Castela nos reinados de D. Fernando e de D. João I, não apenas pelo facto de serem guerras nacionais, mas sobretudo por terem trazido ao interior do País consideráveis efetivos de tropas estrangeiras (castelhanos, navarros e ingleses). Ora este contato vivo com indivíduos de fala e de comportamento diferente, e que constituíam uma ameaça para a população dos lugares onde atuaram, qualquer que fosse o rei por quem combatiam, como aconteceu com os ingleses cujos distúrbios e violências foram descritos com tanto realismo por Fernão Lopes, tornou evidente, para todos os que contataram com eles e ainda para quem ouviu os seus relatos, qual era a diferença entre portugueses e estrangeiros" (Mattoso, p.11)

Embora José Mattoso esteja abordando o processo de independência português, ele também se aplica ao tema deste estudo, uma vez que a invasão de tropas estrangeiras, que possuíam costumes, língua e religião diferentes dos habitantes da colônia, causou destruição e perturbou o modo de vida das pessoas da terra. Tal fato levou, inevitavelmente, à união para a expulsão do estrangeiro. Citando mais uma vez Mattoso: "Os outros, com os seus caracteres físicos e os seus costumes, religiões e línguas tão diferentes, opunham-se, na sua imensa diversidade, aos que partilhavam a condição comum de oriundos do território nacional". (Mattoso, p.12)

Nota-se assim que a presença dos "outros", do invasor, era por si mesma razão suficiente para ocorrer o esforço para vencê-lo e, no processo, gerar a união das pessoas e o sentimento nacionalista.

Figura 14: Tela do holandês Albert Eckhout

Fonte: brasilescola.uol.com.br

6 CONCLUSÃO

Analisando os aspectos históricos, sociológicos e os antecedentes da Idade Moderna, é possível afirmar que as invasões holandesa no nordeste brasileiro, como todo fato histórico de grande repercussão, estiveram profundamente relacionadas com a implantação do sentimento nacionalista na população que aqui residia. Embora não seja correto afirmar com convicção que após esse período de ocupação holandesa o povo da colônia passou a se chamar de brasileiro, pois as dimensões continentais e o isolamento de muitas regiões dificultavam o intercâmbio entre as capitanias.

Todavia, um processo decisivo na formação da nacionalidade, a miscigenação, ocorreu em praticamente em todos os lugares da colônia lusitana, muito devido a característica do português de ser mais propício a esse tipo de fenômeno do que suas contrapartes de outras nações europeias. Sendo que em Pernambuco, palco dos principais acontecimentos da ocupação neerlandesa, essa relação entre as três etnias formadoras da identidade brasileira (índio, negro e branco), teve um diferencial que foi a guerra, mais especificamente a defesa da terra contra um invasor.

A guerra que se desenrolou no nordeste brasileiro, como todas as guerras, uniu um povo contra outro. Foi a luta para expulsar uma invasão estrangeira (o outro) que trouxe morte e destruição para os moradores da colônia. Esses invasores falavam uma língua diferente, tinham costumes diferentes e, principalmente, uma religião diferente e isso era um fator preponderante na época da contrarreforma católica em se tratando de colocar países em guerra. Então, se

baseando nas peculiaridades do contexto histórico do século XVII, pode-se dizer que essas diferenças culturais, do ponto de vista sociológico, influenciaram nas ações das pessoas daquela época, e somando aos fatores econômicos e políticos, veio a desencadear o conflito.

Portanto, todos os anos de luta contra os batavos foram combates em defesa do solo pátrio, aparecendo a palavra “pátria” e “brasileiros” em relatos de homens que enfrentaram as forças da WIC. E mesmo que aquelas pessoas não estivessem defendendo a nação brasileira que se conhece hoje e nem se identificassem da forma que os brasileiros de hoje o fazem, é inegável que as invasões holandesas, e todo o processo histórico-sociológico resultante, semearam o germe que viria a ser o sentimento de brasilidade.

É importante citar, e lamentar, a pouca relevância que esse período da história nacional tem nas escolas do Brasil, resultando num povo que desconhece seu passado remoto, ou até mesmo desprezando-o, sem ter a consciência de como as invasões holandesa no nordeste influenciaram a nação de hoje.

REFERÊNCIAS

A guerra brasílica contra os holandeses. 2016. Disponível em: https://tokdehistoria.com.br/2016/04/16/a-guerra-brasilica-contra-os-holandeses/. Acesso em 02 jun. 2019.

A Revolução Pernambucana de 1817. G1 PE, 2018. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2018/03/02/a-revolucao-pernambucana-de-1817/. Acesso em 02 jun. 2019.

Brasil História. Invasão Holandesa na Bahia. Disponível em: www.historia-brasil.com/bahia/invasao-holandesa.htm. Acesso em 02 jun. 2019.

CARNEIRO MARTINS, Raul François. **Algumas Considerações Sobre Nacionalismo e Defesa Nacional.** Disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2929/1/NeD07_RaulFrancoisMartins.pdf. Acesso em 01 jun. 2019.

CATROGA, Fernando. **Pátria e Nação.** Disponível em: http://www.humanas.ufpr.br/portal/cedope/files/2011/12/P%C3%A1tria-e-Na%C3%A7%C3%A3o-Fernando-Catroga.pdf. Acesso em 15 jun. 2019.

DARÓZ, Carlos. **A Guerra do Açúcar: As Invasões Holandesa no Brasil.** Rio de Janeiro, RJ, Biblioteca do Exército, 2016.

DAROZ, CARLOS. **Batalha de Alcácer-Quibir (1578).** 2009. Disponível em: http://darozhistoriamilitar.blogspot.com/2009/06/batalha-de-alcacer-quibir.html. Acesso em 02 jun. 2019.

DE MELLO. Evaldo Cabral. **O Brasil Holandês.** São Paulo, SP, Penguin Classics, 2010.

Domingos Fernandes Calabar. Disponível em: https://educacao.uol.com.br/biografias/domingos-fernandes-calabar.htm. Acesso em 02 jun. 2019.

FERNADES, Claudio. **Insurreição Pernambucana.** Disponível em: https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/insurreicao-pernambucana.htm. Acesso em 03 jun. 2019.

FERNANDES, Cláudio. **"Invasões holandesas no Brasil"**; Brasil Escola. Disponível em <https://brasilescola.uol.com.br/historiab/invasoes-holandesas-no-brasil.htm>. Acesso em 02 jun. 2019.

FONSECA, Albenisio. **Invasão holandesa completa 395 anos.** 2017. Disponível em. https://albenisio.wordpress.com/2017/05/09/invasaoholandesa/. Acesso em 06 jun. 2019.

Forte dos Reis Magos. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra14448/forte-dos-reis-magos. Acesso em 06 jun 2019.

Forte Real do Bom Jesus. Disponível em: http://www.brasilarqueologico.com.br/arqueologia-arraial-velho-bom-jesus.php. Acesso em 03 jun. 2019.

FREITAS, Eduardo de. **Origens do povo brasileiro.** Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/brasil/as-origens-povo-brasileiro.htm. Acesso em 03 de junho de 2019.

GUARACY, Thales. **A Criação do Brasil 1600-1700**. São Paulo, SP, Planeta do Brasil, 2018.

Guerra dos oitenta anos - A Independência da Holanda (1568-1648). 2009. Disponível em: http://darozhistoriamilitar.blogspot.com/2009/03/guerra-dos-oitenta-anos-independencia.html. Acesso em 01 jun. 2019.

Invasão Neerlandesa no Brasil. 2013. Disponível em: https://pt.slideshare.net/sylvialenz/invaso-neerlandesa-no-brasil. Acesso em 2 jun. 2019.

Invasões Holandesas. Disponível em: http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo01/inv_holandesas.html. Acesso em 01 jun. 2019.
Invasões Holandesas. Disponível em: multirio.rio.rj.gov.br/index.php/estude/historia-do-brasil/américa-portuguesa/80-ocupação-litorânea/8743-invasões-holandesas. Acesso em 30 maio. 2019.

LEONARD SCHALKWIJK. Frans. **ÍNDIOS PROTESTANTES NO BRASIL HOLANDÊS**. 2014. Disponível em: https://tokdehistoria.com.br/tag/ocupacao-holandesa-do-nordeste-1630-1654/. Acesso em 03 jun. 2019.

MARIZ, Vasco. **Depois da Glória. Ensaios sobre personalidades e episódios controvertidos da história do Brasil e de Portugal;** Rio de Janeiro, RJ, Civilização Brasileira, 2012.

MATTOSO, José. **A Identidade Nacional.** 1998. Disponível em: ttps://civilizacaoiberica.files.wordpress.com/2010/08/jose-mattoso-a-identidade-nacional-pdfrev.pdf. Acesso em 3 jun. 2019.

MOURA, Renata. **O massacre holandês há 372 anos que levou o papa Francisco a decretar a santidade de 30 brasileiros.** 2017. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41568388. Acesso em 03 jun. 2019.

OLIVEIRA, Ricardo de. **Etnia brasileira, miscigenação brasileira.** 2010. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/etnia-brasileira-miscigenacao-brasileira-0ze8lrgaqwbm6snnehnfp2pn2/. Acesso em 03 jun. 2019.

OLYMPIO, Cleber. **Vade Mecum Área Militar Sínteses Objetivas**. São Paulo, v. 3. Riddel, 2012, p. 711

SILVA, Leonardo Dantas. **Batalha dos Guararapes - resumo, história.** Disponível em: https://www.historiadobrasil.net/resumos/batalha_guararapes.htm. Acesso em 02 jun 2019.

VERDE-OLIVA. **Dom Antônio Felipe Camarão**. Brasília, DF - Ano XXXI - Nº 181. Disponível em: https://www.naval.com.br/ngb/F/F015/F015-NB.htm. Acesso em 03 jun. 2019.